

As graves perspectivas de crise financeira mundial

A deterioração acelerada da situação econômica argentina já produz efeitos negativos em outros países da América do Sul e de outros continentes. A possibilidade de que venha a ocorrer em breve outra crise financeira internacional do porte das deflagradas em 1994 pelo México, 1997 pela Ásia e 1998 pela Rússia é concreta, não uma expressão de alarmismo. A alteração do ambiente econômico e político mundial deste início de século XXI em comparação com o do final do século XX dá razão a ainda mais pessimismo em relação às possíveis consequências de uma convulsão financeira em diversas partes do planeta. Ao contrário do que acontecia ao longo da década de 1990, os países desenvolvidos se encontram em processo de desaceleração de atividades. Embora a perspectiva de recessão nos EUA pareça menos provável agora do que no começo do ano, o crescimento no país mais rico do mundo com certeza será menor em 2001 do que foi em qualquer dos anos das crises financeiras internacionais anteriores. Em compensação, a expectativa de fortalecimento encorpado da economia européia se desvaneceu e o Japão continua engolfado pela recessão. (Valor Econômico, 13.07.01)

Esta é a semana decisiva

El movimiento sindical ante el ajuste

La anarquía no la comparto", fue el claro mensaje del secretario general de la CGT oficial, Rodolfo Daer, no para explicar la acción del gobierno de Fernando de la Rúa, a quien juzgó como "aislado y con una crisis que se le escapó de las manos", sino para detallar que la central que conduce prefiere la prudencia y no recurrir a medidas de fuerza. "El Gobierno estalla y no vamos a ser nosotros quienes prendamos el fósforo", acotó, aunque llamó a De la Rúa y al ministro Domingo Cavallo a cambiar "las políticas antipopulares que están aplicando y formar una verdadera unidad nacional".

En una jornada de preocupación, donde integrantes de la central dialoguista se reunieron con legisladores y hablaron con gobernadores justicialistas, abundaron los rechazos a las medidas y que el Gobierno abandone "posiciones mesiánicas".

Hasta la CGT disidente de Hugo Moyano, cuyo titular volvió a machacar con que "se ponga al frente del país alguien que recupere la identidad nacional, y si no, que se vaya", no declaró un paro como se preveía. Aseguró que ello se decidirá el martes próximo en una reunión del Comité Central Confederal, cuando en otras ocasiones no hubo necesidad de llegar a esa instancia para declarar una huelga.

Incluso, Moyano aseguró que espera reunirse en las próximas horas con el jefe de la UCR, Raúl Alfonsín, y con sectores productivos, como la Unión Industrial Argentina (UIA) y las Pyme, para sumarlos a una convocatoria que tuerza las decisiones de Cavallo.

Moyano y el líder de la Central de Trabajadores Argentinos (CTA), Víctor De Gennaro, se comunicaron telefónicamente. Ambos sectores podrían confluír en una acción conjunta. Sin embargo, De Gennaro resolvió el problema antes, la Asociación de Trabajadores del Estado (ATE) profundizará las medidas de fuerza. (La Nación, 13.07.01)

Projeto: Coordenadora de Centrais Sindicais Cone Sul e Fundação Friedrich Ebert

Edição : Consultoria Econômica Social Integrada – CESI

✉ cesint@uol.com.br 🌐 <http://www.sindicatomercosul.com.br/>

Sindical

Sindicalista rural, mulher e filhos são assassinados em Marabá (PA)

O diretor do Sindicato dos Trabalhadores de Marabá, José Pinheiro de Lima, de 59 anos, sua esposa Cleonice Campos Lima, de 54 anos, e seu filho Samuel Campos Lima, de 15 anos, foram mortos por pistoleiros, dentro de casa, na Vila de Morada Nova, no município de Marabá, no Sudeste do Pará, ontem às 19h30. José Pinheiro coordenava a ocupação da fazenda São Raimundo, a 150km de Marabá, que pertencia a João David de Melo e foi desapropriada a pedido do sindicato. Os sindicalistas suspeitam de que a chacina tenha sido encomendada pelo fazendeiro.

De acordo com o diretor de Política Agrária da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), Airton Faleiro - ele mesmo estabelecido no Pará, como agricultor familiar -, João David nunca se conformou com a desapropriação da fazenda e mantinha um relacionamento conflituoso com os ocupantes. O secretário da Contag, que segue agora pela manhã par a região, informou que hoje à tarde haverá um ato público em Marabá. O enterro de José Lima e de sua família acontecerá nesta quarta-feira (11), pela manhã. (*Agência Brasileira de Notícias, 11.07.01*)

Protesta de los estatales

Los trabajadores estatales afiliados a ATE realizarán el miércoles próximo una toma pacífica de 24 horas a las sedes del PAMI y de la Anses en todo el país y, dos días después, una movilización hacia los ministerios de Salud y de Economía como rechazo al plan de ajuste en el gasto público dispuesto por el Gobierno.

Un plenario de 300 delegados del área de seguridad social realizado en la sede nacional del sindicato decidió la medida de fuerza. Después del encuentro, el titular de ATE Capital, Pablo Michelli, aseguró su descreimiento de que no haya ajuste sin despidos, como dijeron algunos funcionarios. "El gasto público se puede bajar dejando de pagar los intereses usureros de la deuda externa", dijo y acusó al Gobierno de desentenderse de los jubilados. (*La Nación, 13.07.01*)

La CTA se suma al paro

La Central de Trabajadores Argentinos (CTA), junto a legisladores e integrantes de organismos defensores de los derechos humanos y movimientos de desocupados agrupados en el Frente Nacional contra la Pobreza, adhirió al paro de 24 horas dispuesto para el miércoles próximo por la Asociación de Trabajadores del Estado (ATE), contra el ajuste económico lanzado por el Gobierno.

Los integrantes del Frente tienen previsto un plan nacional de movilizaciones para lo que resta del año, que culminará con una consulta popular el 10 de diciembre próximo por la creación de un seguro de empleo y formación para desocupados de 380 pesos, con 60 pesos por cada hijo.

La decisión fue adoptada durante una asamblea realizada ayer, en la sede de ATE, Av. Belgrano 2500, de la que participaron 400 representantes de 60 juntas de todo el país.

Estuvieron el titular de la CTA, Víctor de Gennaro; Alfredo Bravo, Alicia Castro, Héctor Polino y el periodista Horacio Verbitsky, entre otros. (*La Nación, 15.07.01*)

La CGT oficial rechazó la invitación presidencial

La CGT oficial le sacó el cuerpo a una invitación directa del Presidente, los sindicalistas de esa central **no quisieron saber nada** cuando el jefe de Gabinete, Chrystian Colombo, los convocó para que estuvieran presentes en la Casa Rosada durante la presentación de las nuevas medidas económicas.

"Para escuchar un plan de ajuste y de hambre prefiero quedarme en mi casa y seguir todo por televisión", confió un vocero gremial.

Sólo la profundidad de la crisis que agobia a estos pagos podría explicar que la CGT de Daer, en el exacto término de los últimos siete días, se haya visto con Fernando de la Rúa en una oportunidad (el sábado pasado en Olivos) y que lo desairara en otras dos ocasiones.

Un dato ineludible: la delegación sindical que fue el sábado a la Quinta, no quedó conforme con el resultado del encuentro. Daer, Armando Cavalieri, Carlos West Ocampo, Luis Barrionuevo y Andrés Rodríguez, dijeron todo lo que tenían ganas de decir sobre la "gravedad de la situación". Recitaron sus recetas económicas y le pegaron duro a la ministra de Trabajo.

"La crisis política y económica se le está yendo de las manos al gobierno nacional. Nos alarma ver que la reacción oficial sea profundizar un modelo económico agotado, a través de un séptimo ajuste", dijo Daer al confirmar que la CGT volverá a reunirse con gobernadores y legisladores del PJ para homogeneizar un discurso partidario frente "a este nuevo ajuste salvaje" de los "grandes grupos económicos". (*Clarín 12.07.01*)

Caos nas ruas de Salvador

Apesar da presença dos soldados do Exército, o dia de ontem foi praticamente um feriado. Pouca gente saiu às ruas, temendo assassinatos, saques e outros atos de violência ocorridos na noite de quinta-feira e na madrugada de ontem. Houve "toque de recolher".

Dez dias depois do início da greve dos policiais civis e militares, tropas do Exército começaram a ocupar ontem à tarde as ruas do Centro de Salvador para tentar controlar a onda de saques, violência, arrastões e assaltos que tomou conta da capital baiana. Mas até a noite de ontem, até por falta de soldados, a missão não tinha dado certo.

Em seu primeiro dia de patrulhamento, o Exército colocou nas ruas apenas 300 dos cerca de 2.000 homens que pretende utilizar na operação, e todos de tropas baianas. Com fuzis e metralhadoras, os soldados do Exército ocuparam pontos estratégicos apenas no centro da cidade - hotéis, lojas, restaurantes e pontos turísticos. Normalmente, deveria haver cerca de 2.100 policiais militares patrulhando as ruas da cidade.

A paralisação dos policiais transformou o último dia útil da semana praticamente em feriado. Todas as agências bancárias não funcionaram. O comércio e as escolas também estiveram fechados. Houve saques e incêndios em lojas, tentativas de linchamento e muita correria pelas ruas do Centro e da periferia.

Os grevistas reivindicam piso salarial de R\$ 1.200, a reintegração de 68 militares e a libertação de dois líderes do movimento, que estão presos há 11 dias sob a acusação de insubordinação.

Com medo de assaltos, as empresas de transporte coletivo de Salvador reduziram em 60% o número de ônibus nas ruas. A população da capital baiana praticamente respeitou o "toque de recolher" informal.

Todos os bairros de Salvador terão a partir de hoje a presença de homens do Exército. "Se 24 mil homens não são suficientes para garantir a segurança pública, imagine o que vai acontecer com apenas 2.000 integrantes do Exército nas ruas. O caos vai continuar", disse o presidente do sindicato dos Policiais Civis do Estado, Crispiniano Daltro, referindo-se ao total de policiais do Estado. (*O Povo, 14.07.01*)

Impasse com Exército adia fim da greve na PM baiana

Um desentendimento entre a Polícia Militar e o Exército impediu ontem a volta dos policiais às ruas de Salvador. Os líderes do movimento chegaram a acertar com o governador César Borges o retorno de 30% do efetivo ao patrulhamento, mas voltaram atrás porque a operação seria comandada por oficiais do Exército.

A capital baiana amanheceu ontem mais aliviada, depois que soldados do Exército se espalharam pela cidade. Mesmo assim, ocorreram saques a lojas durante a madrugada e houve 13 homicídios, o número considerado alto. A população de Salvador torce pelo sucesso da negociação entre o governo do estado e os policiais em greve. Depois de dez dias de impasse, as duas partes dialogaram pela primeira na madrugada de ontem. (*Jornal do Brasil, 15.07.01*)

Centrais sindicais prevêm um semestre difícil

As duas centrais sindicais do País – Força Sindical e Central Única dos Trabalhadores (CUT) – prevêm um segundo semestre complicado para as campanhas salariais. Além do problema do racionamento de energia elétrica – que já começa a diminuir a produção e o nível de emprego

na indústria em diferentes setores –, a conjuntura político-econômica se agravou com a alta de juros e do dólar, somada à crise argentina.

Os líderes sindicais já sabem que, na hora da negociação estes temas serão mencionados pelos empresários como um argumento – considerado até mesmo pelos sindicalistas como forte – para não reajustar salários. Nem por isso, no entanto, a expectativa é de desânimo. “Precisamos só aguardar mais um pouco para sabermos exatamente onde estes pontos interferem”, avalia Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, presidente da Força Sindical.

Antonio Carlos Spiz, presidente da CUT em São Paulo, lembra que os empresários estão endividados, pois, com as expectativas positivas para o País este ano, investiram em suas fábricas em 2000 e agora têm de pagar os empréstimos. “Sabemos que a consequência disso tudo podem ser demissões. O quadro é preocupante, mas não acredito em empresário que diz que não poderá reajustar salários”, diz Spiz.

De acordo com Paulinho, a central deverá iniciar as discussões sobre as campanhas salariais no próximo mês. “Até lá vamos poder comprovar como está a situação do País. Ao que parece, a crise energética não será tão ruim quanto parece”, diz. Segundo ele, ainda não dá para avaliar a questão, mas os trabalhadores de alguns setores produtivos já sentiram diretamente alguns de seus efeitos negativos. De acordo com Paulinho, tanto os trabalhadores quanto os empresários devem estudar uma forma para que as empresas não quebrem e os trabalhadores não percam seus empregos. Historicamente, o segundo semestre apresenta condições melhores para a economia. No ano passado, muitos trabalhadores obtiveram, além do reajuste pelo Índice de Preços ao Consumido (IPC), aumento real dos salários e Participação nos Lucros e Resultados (PLR). É na segunda metade do ano que ocorrem os dissídios dos principais setores: alimentos, correios, petroquímico, bancário, comércio e gráfico. (*Jornal do Comércio*, 12.07.01)

AEBU : paro y defensa de Caja Bancaria

El sindicato bancario cerró ayer su asamblea general en el Palacio Peñarol con el mandato a sus dirigentes de llevar adelante una batería de medidas tendentes a asegurar la viabilidad de la Caja Bancaria y a defender al sistema financiero estatal de "los efectos negativos de la política económica" del gobierno.

Con alrededor de 6.800 asistentes de Montevideo y el interior entre activos y pasivos, la asamblea aprobó por el 85% de los votos la moción presentada en mayoría contra una que pregonaba el inicio de una huelga y acciones de distorsión del sistema financiero.

Los asambleístas dieron el visto bueno al proyecto de reforma de la carta orgánica de la Caja Bancaria que prevé medidas tendentes a disminuir los egresos y aumentar los ingresos de forma de equilibrar el déficit operativo del instituto, que en 2001 será de US\$ 30 millones y que, de no mediar cambios, se dispararía a US\$ 90 millones en los próximos años.

Este proyecto será presentado al Consejo Honorario de la Caja Bancaria, "propiciando la incorporación de su contenido al proyecto que debe elaborar el instituto", según indica el planteo aprobado ayer en la asamblea.

En la moción aprobada se destaca que la ley presentada por el gobierno de adecuación de la Caja Bancaria "implica una brutal rebaja de los niveles jubilatorios de los trabajadores".

En la deliberación se aprobó también una marcha y la posterior entrega de "un documento político ante el presidente de la República, que contenga las valoraciones de AEBU de los efectos negativos de las medidas económicas del gobierno sobre el sistema financiero oficial y los trabajadores uruguayos en su conjunto". Asimismo, se definió realizar movilizaciones "para obligar a la patronal del sector financiero a asumir definitivamente su compromiso con la Caja Bancaria, materializado en un aporte decisivo en el equilibrio de su situación financiera". Asimismo, se analizarán "iniciativas para atacar toda medida salarial y de contrato laboral que impliquen evasión" a la Caja. (*El Observador*, 12.07.01)

Varig: gremio pide plan estratégico para Pluna

A pedido del sindicato de empleados de Pluna, la Federación Nacional de Aeronautas y Aeroviarios (FNAA) brasileña pedirá a Varig que "exponga claramente cuál es la estrategia para la gestión de Pluna", dijo a El País Pedro Azambuja, presidente de la FNAA.

Este ha sido el primer resultado de las conversaciones entre los dos sindicatos, para coordinar medidas conjuntas como respuesta a la situación de Pluna, que arrastra un pasivo de U\$S 52 millones y que estuvo al borde de la quiebra técnica dos veces desde que Varig se hizo cargo de su administración.

Azambuja expresó que "no queremos que las condiciones que rechazamos en Brasil se pongan en práctica en Uruguay por parte de Varig. Tampoco queremos que empresas brasileñas vengan a Uruguay a precarizar las condiciones de trabajo de los hermanos uruguayos".

Según el dirigente, su gremio empezará a redactar algunos documentos "para entregar a la fundación de Varig, que es la controladora de todas las empresas del grupo Varig, para que exponga claramente cuál es su estrategia para la gestión de Pluna".

En este sentido, Elina Rodríguez, presidente honoraria del sindicato de Pluna dijo que "los trabajadores de Pluna no estamos sólo preocupados por los más de 500 puestos que hay en la aerolínea, sino por los puestos de trabajo que arrastra esto en forma subsidiaria entre los comercios dedicados al turismo". (*El País*, 16.07.01)

Bancários fecham pauta em encontro nacional

Os bancários da CUT vão definir a pauta da campanha deste ano em conferência nacional que começa sexta-feira e termina domingo, em Brasília. Vão participar do encontro 407 representantes de mais de 100 entidades. Com data-base em 1º de setembro, a categoria quer evitar a repetição do que aconteceu ano passado, quando — apesar do reajuste — os bancos conseguiram incluir na convenção coletiva uma cláusula dando a opção de retirada do anuênio.

Desta vez, os trabalhadores querem incluir benefícios na convenção. "Pelo lucro que vêm tendo, eles (banqueiros) não podem nem ter coragem de propor alguma retirada de direitos", afirmou o secretário-geral do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Luiz Cláudio Marcolino. "Nossa intenção, neste ano, é agregar direitos."

De 392 mil bancários em todo o País (dados de abril), os sindicatos cutistas representam 85%, segundo os dirigentes. Entre os assuntos que serão discutidos na conferência nacional, estão reajuste, produtividade, participação nos lucros ou resultados e igualdade de oportunidades (independentemente de gênero e raça). Mais salário, empregos e novos direitos são prioridades discutidas em encontros estaduais

Entre os principais pontos já definidos estão a reposição da inflação acumulada entre 1º de setembro (data-base da categoria) do ano passado e 31 de agosto deste ano, ganhos de produtividade, manutenção dos empregos e a conquistas de novos direitos. "Está passando da hora de os banqueiros dividirem de maneira mais justa seus lucros recordes com quem se esforça no dia-a-dia e proporciona esses resultados", afirma Luiz Cláudio Marcolino, secretário geral do Sindicato.

La Argentina desistió de ir a Colombia

Uno de los protagonistas importantes en la decisión de no ir a la Copa América tomada anoche por los dirigentes del fútbol resultó el gremio que nuclea a los jugadores. Mucho antes de las diferencias que se plantearon entre los miembros de la Confederación Sudamericana de Fútbol (CSF), el sindicato había enviado una carta a la Asociación del Fútbol Argentino (AFA) pidiendo que la selección nacional no viaje a Colombia.

Anoche, Futbolistas Argentinos Agremiados (FAA) insistió con otro comunicado oficial con la misma idea que venía esgrimiendo en los últimos días: no ir a la Copa América por estrictas razones de seguridad.

El secretario general del gremio de los futbolistas, Sergio Marchi, comentó sobre el tema que, en caso de que la AFA hubiese optado por ir a Colombia, también mantendrían su posición: "En ese caso también hubiéramos respaldado a cada jugador que no quisiera viajar", señaló el dirigente. (*La Nación*, 11.07.01)

ONU recebe relatório sobre violência no Pará

A ONU recebeu ontem um relatório sobre assassinatos e prisões arbitrárias de líderes rurais no Pará. A polícia do Pará estaria protegendo pistoleiros e contribuindo para o agravamento da

tensão entre sem-terra e fazendeiros, segundo a denúncia. Além da chacina do último dia 9, quando o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá, José Pinheiro Lima, foi morto com a família, nos últimos 90 dias foram presos 108 líderes de agricultores no Pará. Lima fazia parte de uma lista de líderes marcados para morrer, entregue no ano passado ao secretário da Segurança do Pará, Paulo Sette Câmara.

Segundo a denúncia, nos últimos três meses, mais de 1.500 famílias foram despejadas e tiveram seus pertences destruídos pela PM. A relatora especial da ONU sobre Execuções Extrajudiciais, Sumárias e Arbitrárias, Asma Jahangir, virá ao Brasil ainda este ano para investigar os casos.

A denúncia partiu de entidades não-governamentais, como a Comissão Pastoral da Terra e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Segundo essas organizações, as polícias Civil e Militar não se empenham em investigar os assassinatos.

Em nota, o governo do Pará informou que o fato de existir uma lista de marcados para morrer não autoriza a polícia a adotar medidas de proteção aos ameaçados. (*O Globo*, 13.07.01)

Denúncia

Ameaças de morte na OMS

O coordenador do programa da Organização Mundial de Saúde (OMS) para medicamentos, Germán Velásquez, está sob ameaça de morte. O caso, que lança sérias suspeitas sobre a indústria farmacêutica e envolve uma série de incidentes no Rio, em Miami e na França, mobilizou a direção de uma agência da ONU que está no centro da polêmica internacional sobre redução de preços de remédios, sobretudo os essenciais, como os medicamentos de combate à Aids. A sucessão de incidentes envolvendo o médico colombiano Velásquez, um crítico da atuação da indústria farmacêutica na questão de remédios essenciais, começou no dia 26 de maio no Rio, na Avenida Atlântica. A caminho de uma reunião da OMS em Miami, Velásquez passou pelo Rio para ir à posse de Jorge Bermudez na direção da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fiocruz.

Por volta das 23h, ele saiu do hotel em Copacabana para comer. Caminhando pela Atlântica, dois garotos o ameaçaram com uma faca, ordenando que entregasse o relógio. Ele argumentou que era apenas um Swatch (o mais barato relógio suíço) e acabou com um ferimento de aproximadamente sete centímetros no pulso, sem o relógio e a jaqueta.

O que parecia ser um simples assalto no Rio, entretanto, ganhou outra dimensão em Miami, dois dias depois. Caminhando numa rua chamada Lincoln Road, ele foi atacado por dois homens. Eles o empurraram contra a parede de um edifício e um deles, com um revólver, disse: "Vamos te matar". Velásquez teria começado a chorar, argumentando que tinha quatro filhos. Um dos homens, então, teria feito uma referência ao assalto do Rio, e dito: "Não se meta com a indústria farmacêutica".

O funcionário da OMS ligou para seus superiores em Genebra, onde fica a sede da organização, e os avisou. Mas as ameaças não pararam aí. De volta a Genebra, ele já recebeu mais de três telefonemas intimidatórios. Num deles, a pessoa dizia que ele não deveria ir a uma reunião convocada pela Organização Mundial de Comércio para debater o acordo de propriedade intelectual que obriga os países a respeitarem patentes. Ele perguntou quem estava falando, e a pessoa respondeu: "Lincoln Road", numa referência a Miami.

Três governos foram oficialmente informados — Brasil, África do Sul e Colômbia — bem como duas organizações não-governamentais, a Médicos sem Fronteiras, de Paris, e a Oxfam, de Londres. (*O Globo*, 13.07.01)

Mercosul

Brasil tenta acalmar irritação da Argentina

O governo brasileiro desencadeou ontem uma operação para desfazer o clima de mal estar criado pelas declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso ao Valor, na qual admite a existência de "um risco institucional" na Argentina. O Itamaraty recebeu indicações claras de que as palavras do presidente causaram grande irritação no governo argentino. Não houve protesto formal, mas, em Buenos Aires, integrantes do governo De La Rúa condenaram abertamente as declarações de Fernando Henrique. O Brasil mudou o tom do discurso e esqueceu, por um momento, as medidas que adotará como retaliação se o ministro da Economia Argentino, Domingo Cavallo, não revogar a resolução 258, que reduziu as tarifas de importação de bens de informática, de telecomunicações e de automóveis para países que não integram o Mercosul. No Palácio do Planalto, a mudança de postura do governo brasileiro foi explicada como o atendimento ao pedido feito pelo presidente Fernando De La Rúa a FHC, no domingo, no sentido de que o Brasil amainasse o tom das reações. Segundo esta versão, o presidente argentino referia-se à carta que recebeu de FHC, em protesto contra a resolução 258, e à nota oficial da sexta-feira, em que o governo brasileiro suspendeu as negociações comerciais bilaterais. (...) O ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, também fez a sua parte. Negou que o governo brasileiro pensa em retaliar a Argentina por causa da resolução 258, que reduziu tarifas de importação de bens de informática, telecomunicações e automóveis. "Estamos procurando uma solução diplomática e nunca colocamos as negociações em termos de trigo ou petróleo", disse ele, numa referência à possibilidade do Brasil, em represália, reduzir suas compras do trigo e do petróleo argentino. O ministro interino do Desenvolvimento, Benjamin Sicsú, também negou a adoção de medidas contra o país vizinho. "Não pensamos em colocar barreiras", disse. (*Valor Econômico*, 11.07.01)

Não gosto que presidente de outro país opine sobre nossas coisas", diz ministra

A Casa Rosada e o Ministério das Relações Exteriores da Argentina não se manifestaram oficialmente sobre as declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso publicadas anteontem pelo Valor, mas a ministra do Trabalho, Patrícia Bullrich, não escondeu seu descontentamento: "Não gosto que um presidente de outro país opine sobre nossas coisas", afirmou. Na entrevista, FHC afirmou que havia risco de crise institucional na Argentina e levantou a possibilidade de retaliações caso o país não reveja a medida que reduz o valor de bens de informática e telecomunicações importados de países que não integram o Mercosul. (*Valor Econômico*, 11.07.01)

Las opiniones del presidente Cardoso

Las declaraciones del presidente brasileño Fernando Henrique Cardoso a un diario de su país han generado una comprensible sorpresa e inquietud. Sorpresa porque el presidente del vecino país emitió opiniones reñidas con las normas de la diplomacia entre países socios, e inquietud por el contenido alarmista de las mismas. En posteriores aclaraciones, el presidente Cardoso y la Cancillería brasileña, corrigieron los dichos previos.

Las relaciones entre Argentina y Brasil no atraviesan su mejor momento debido a las tensiones comerciales que se mantienen desde hace ya varios años. La devaluación brasileña primero y la crisis económica local generaron disputas sobre los regímenes de comercio del Mercosur y sobre niveles arancelarios.

En la última semana se ha planteado una nueva diferencia a partir de una reducción de aranceles extrazona decidida por el Gobierno argentino que, según diversas versiones, iba a ser respondida con sanciones comerciales por parte de Brasil.

La contraposición de intereses en cuestiones importantes fue sobrellevada hasta ahora con grandes dosis de negociaciones y comprensión por parte de ambos socios. Esta está motivada, a su vez, por la clara conciencia de que una crisis en cualquiera de las partes crearía severas dificultades en la otra.

En este contexto tuvieron lugar las declaraciones del presidente Cardoso, quien sostuvo, entre otros conceptos, que "en la Argentina hay un riesgo institucional" y que el Gobierno argentino acusa una "parálisis del proceso de decisión".

Como se dijo, estas declaraciones son sorprendentes porque están reñidas con la prudencia que deberían caracterizar las apreciaciones del presidente de un país en relación a la situación interna del otro. Especialmente cuando ambos mantienen buenas relaciones diplomáticas y participan de un proyecto de integración regional, más allá de las diferencias y pujas inevitables en este tipo de relación. (*Editorial, Clarín, 11.07.01*)

Sin solución a la vista en la crisis del Mercosur

La reciente resolución 258/01 del Ministerio de Economía argentino, que les permite a los exportadores extranjeros beneficiarse del cambio favorable creado por el "factor de convergencia", mantiene la crisis en el bloque regional.

Mientras el ministro de Economía argentino, Domingo Cavallo, afirma que la medida no será retirada, el gobierno brasileño insiste en que no habrá ningún tipo de negociación hasta que la Argentina no desista de esa resolución.

Brasil afirma que no sólo se coloca en igualdad de condiciones a los productos de terceros países con los importados brasileños -perdiéndose así la preferencia arancelaria que el país debería tener por ser socio del Mercosur-, sino que también se distorsiona el arancel externo común, instrumento fundamental de la unión aduanera que el bloque regional pretende ser.

El gobierno brasileño afirma que la medida argentina le significaría una pérdida de alrededor de 1000 millones de dólares.

La Nación pudo saber ayer que no existe ninguna reunión bilateral en pie para las próximas semanas, de todas las que estaban agendadas sobre temas como el posible adelanto, en un futuro, del libre comercio automotor. (*La Nación, 11.07.01*)

Brasil prepara a lista de produtos para substituir os da Resolução 258

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior está preparando uma lista de produtos para substituir os que constam da Resolução 258 da Argentina, que reduziu a margem de vantagem brasileira de mais de 500 itens da pauta comercial. O objetivo do governo brasileiro é oferecer ajuda técnica para o parceiro tentar executar o plano de retomada da competitividade elaborado pelo ministro da Economia argentino, Domingo Cavallo. Sem que, nesse processo, haja atropelos no Mercosul ou surpresas para as empresas brasileiras. Depois de chegar a anunciar a suspensão das negociações comerciais com a Argentina, por causa da medida do parceiro comercial, o governo brasileiro afirma agora que a Resolução 258 já é um problema superado. (*O Estado de São Paulo, 13.07.01*)

Mercosur: Uruguay llama a reunión urgente del bloque por Argentina

El Presidente de Uruguay, Jorge Batlle, lanzó esta noche, en Montevideo, una convocatoria "inmediata" del Consejo Mercado Común, que integran los ministros de Economía y Relaciones Exteriores del Mercosur, para analizar la crisis argentina.

Batlle confirmó que hoy estuvo reunido en Buenos Aires con su colega, Fernando De la Rúa, "a quien le expresamos nuestra solidaridad y reconocimiento, por el discurso valiente que hizo a la nación argentina, ayer", indicó el mandatario uruguayo, Presidente pro tempore del Mercosur (Mercado Común que integran Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay).

El Presidente uruguayo anunció que mañana conversará con su colega brasileño Fernando Henrique Cardoso, el paraguayo González Macchi y el chileno Ricardo Lagos, para informarles de la visita y de los pasos que dará, en su condición de Presidente pro tempore del Mercosur.

Hizo un llamado a concertar, entre todos, una agenda de trabajo que propondrá su ministro de Economía, Alberto Bensión, a sus pares, y a la que se sumarán los cancilleres, en el marco del Consejo Mercado Común del bloque regional de integración. (*El Mercurio, 12.07.01*)

Paraguay cria tarifa para produtos do Mercosul

O Paraguai decidiu, ontem, aplicar tarifa alfandegária de 10% sobre a importação de 332 produtos do Mercosul que antes entravam com tarifa zero no país. Segundo o governo

paraguaio, a medida, que será válida até 31 de dezembro de 2002, tem como objetivo proteger a produção local dos importados a baixo preço, devido às desvalorizações adotadas nos países da região. *(Gazeta Mercantil, 12.07.01)*

Paraguay demanda a Brasil y Uruguay

Paraguay presentará mañana una demanda contra Brasil y Uruguay en el tribunal ad hoc del Mercosur por las trabas contra los neumáticos y cigarrillos, adelantaron fuentes diplomáticas. Será durante la reunión extraordinaria del Grupo Mercado Común (GMC), que se llevará a cabo en Montevideo (Uruguay).

La demanda que presentará nuestro país contra Brasil es con relación a las trabas contra la exportación de neumáticos recauchutados de la marca Le Fort. La instancia de reclamación en la Comisión de Comercio no arrojó resultados favorables a los intereses de nuestro país, por lo que se decidió presentar una demanda en el Tribunal de Solución de Controversias.

estros país demandará también a Uruguay por un impuesto diferenciado que aplican los charrúas a diferentes productos que importan, tanto de intrazona como de extrazona. Esta medida uruguaya afecta a la exportación nacional de cigarrillos y, en particular, a la firma British American Tabaco, porque encarece en un 33% el producto, hecho que le quita competitividad dentro del mercado uruguayo. *(ABC Color, 12.07.01)*

Muda o mapa das Américas

Entre os dias 15 e 17 deste mês, representantes da Comunidade Andina de Nações (CAN), integrada por Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Equador, se reunirão com os governos do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai). O objetivo é melhorar a integração na América do Sul para poder - enfrentar o desafio comercial nas três Américas com a formação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) a partir de janeiro de 2006.

O novo dinamismo desses blocos e a articulação entre si dão ao mapa do continente outra configuração. Além dos três maiores blocos das Américas (Nafta, Mercosul e CAN), começam a ganhar força a Comunidade do Caribe (Caricom) e o Mercado Comum Centro-Americano. Em conjunto, esses cinco blocos têm um PIB de US\$ 13,3 trilhões e 700 milhões de habitantes. Restam nas Américas apenas dois países de relevância estratégica e comercial que se mantêm fora desses esquemas: Chile e Cuba. *.(Gazeta Mercantil, 10.07.01)*

A guerra da água

Os países do Mercosul disputam um patrimônio valioso: a maior reserva mundial de água doce

Com a ameaça de colapso no abastecimento mundial de água batendo às portas, os quatro países do Mercosul estão com os olhos fixos voltados para baixo da terra. Ali, no subsolo do Brasil, da Argentina, Paraguai e do Uruguai esconde-se o Aquífero Guarani, o maior manancial de água doce do planeta. Ao todo, são 45 mil quilômetros cúbicos de água espalhados numa extensão de 1,2 milhão de quilômetros quadrados. É tanta água que pode abastecer 150 milhões de pessoas por mais de dois mil anos, segundo alguns estudos. O fato da água do reservatório ser tão pura e boa quanto o conteúdo de uma Perrier torna seu potencial econômico incalculável. Não é à toa que esse "mar" de água potável esteja despertando a cobiça de governos e empresários do Cone Sul. Tanto que nesta segunda-feira, 16, representantes dos quatro países reúnem-se em Buenos Aires para fechar o primeiro de uma série de acordos e projetos, que vão definir as regras para a exploração do aquífero. Os projetos contam com a participação de ONGs internacionais e do Banco Mundial (Bird). "A atual utilização do aquífero é insignificante em relação a sua capacidade", avalia Luiz Amore, coordenador de Águas Subterrâneas, do Ministério do Meio Ambiente. *(Istoé Dinheiro, 15.07.01)*

UE, OMC

ALCA

La UE y Mercosur acercan posturas hacia el libre comercio"

La pasada semana finalizó, en la ciudad uruguaya de Montevideo, el V Comité de Negociaciones Birregionales (CNB) del Mercosur (Mercado Común del Sur) y la Unión Europea. La apuesta de los Quince por la creación de un área de libre comercio entre los dos bloques comerciales ha sido decidida, aunque las conversaciones no progresan al ritmo deseado. Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay configuran la unión aduanera de América del Sur, a la que se unen Chile y Bolivia como miembros asociados, pero no de pleno derecho.

La propuesta presentada por la UE recoge un progresivo desmantelamiento arancelario a lo largo de los próximos 10 años, e incluye la ampliación de cuotas de acceso al mercado europeo para productos agrícolas del Mercosur. El número de productos que podrían importarse sin aranceles desde Mercosur pasaría del 60% al 90% para los agrícolas y del 53% al 100% para los industriales.

Se excluirían, sin embargo, los cereales, ciertas frutas y hortalizas, azúcar, tabaco y lácteos, núcleo de las exportaciones de Mercosur a la Unión Europea. Es precisamente el proteccionismo de la UE al sector agrícola el principal escollo en las negociaciones, ya que los países del Mercosur aspiran a que la UE se replantee el sistema de subsidios de la tan controvertida política agrícola común.

Estas medidas no han sido acogidas con demasiado entusiasmo por los socios más pequeños del Mercosur, Uruguay y Paraguay, ya que suponen otro duro golpe a su ya debilitada situación competitiva, seriamente mermada por la imparable depreciación del real brasileño. Asimismo, el enfrentamiento comercial entre los dos principales socios del pacto, Argentina y Brasil, ha dificultado enormemente la consecución de acuerdos en el seno de la cumbre.

Asimismo, se ha aprobado la reducción del 1% del arancel exterior común a partir del 1 de enero de 2002, dejando para los próximos meses la rebaja adicional del 1,5% hasta alcanzar el 2,5% de reducción comprometida. (*Cinco Días*, 13.07.01)

Subsídios agrícolas estão fora das discussões com Mercosul, diz Lamy

A União Européia (UE) descarta a possibilidade de incluir em suas negociações com o Mercosul a redução dos subsídios agrícolas praticados na região. "Podemos discutir entre as regiões questões de livre comércio, mas o subsídio é um assunto ligado à política agrícola comum da União Européia e só vamos estabelecer compromissos nesse aspecto nas negociações multilaterais da Organização Mundial de Comércio (OMC)", disse ontem o comissário de comércio da UE, Pascal Lamy. Lamy acredita que as negociações entre União Européia e Mercosul estão pelo menos "um ano à frente" das negociações da Alca. "A Alca é uma negociação entre 34 países e, portanto, é naturalmente muito mais complexa do que nossas negociações, que basicamente são de um para um", afirmou o comissário. (*O Estado de São Paulo*, 10.07.01)

Para Lamy, proposta é gesto político

O comissário da União Européia (UE) para o Comércio, Pascal Lamy, acredita que a proposta de desgravação tarifária dos europeus apresentada ao Mercosul na semana passada, em reunião em Montevideu (Uruguai), foi principalmente um 'importante gesto político para mostrar o verdadeiro engajamento da União Européia nas negociações com o bloco sul-americano'. Ele admite que, 'talvez tecnicamente, não tenha sido uma boa estratégia' a UE apresentar uma proposta concreta de negociação sem que o Mercosul o tenha feito. Mas Lamy não se arrepende. Diz que às vezes é preciso emitir sinais de confiança, sobretudo em um momento no qual o Mercosul enfrenta dificuldades econômicas. Lamy avisou que 'à União Européia interessa negociar em bloco com o Mercosul'.

O comissário da UE está no Brasil para uma visita de três dias, onde cumprirá agenda no Rio, São Paulo e Brasília. Em São Paulo, Lamy se reúne hoje, na Fiesp, com empresários paulistas. Na capital federal se encontrará com o presidente Fernando Henrique Cardoso e com os

ministros Celso Lafer (Relações Exteriores) e Marcus Vinícius Pratini de Moraes (Agricultura).(*Gazeta Mercantil, 10.07.01*)

Sul-americanos formam blocos para enfrentar Alca

Uma série de reuniões em La Paz, Bogotá e Lima envolverá, de 15 a 17, representantes da Comunidade Andina (Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Equador) em debates com membros do Mercosul (Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai). Serão encontros de dois blocos que se organizam para fortalecimento sub-regional às vésperas da Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

O objetivo é claro. A integração sub-regional é necessária para enfrentar a integração comercial mais ampla que vem sendo acelerada nas três Américas a partir da Cúpula de Miami em 1994. Com o acordo comercial da América do Norte (EUA, Canadá e México), essa articulação de grupos de economias bem menores mostra que o mapa americano começa a apresentar contornos diferentes. São cinco os blocos em formação. Hoje conversam delegações do North American Free Trade Agreement (Nafta), Comunidade do Caribe (Caricom), Mercado Comum Centro-Americano (MCCA), Comunidade Andina (CAN) e o Mercosul. Uns mais organizados internamente, outros menos. No fim das contas, esses blocos reúnem mais de 700 milhões de pessoas e US\$ 13,3 trilhões de Produto Interno Bruto (PIB).(*Gazeta Mercantil, 10.07.01*)

A Alca, à luz do Nafta

Ainda há inúmeras controvérsias sobre vantagens ou não do Brasil de aderir à Alca (Área de Livre Comércio das Américas). Para subsidiar as discussões, o embaixador brasileiro em Washington, Rubens Barbosa, incumbiu a secretária Maria Cristina Ferraz Alves de preparar um estudo detalhado sobre o Nafta -o acordo de livre comércio entre EUA, Canadá e México-, que pode ser o ponto de partida para identificar os pontos centrais que deverão permear as discussões sobre a Alca. Na primeira etapa do projeto foram analisados os seguintes capítulos do Nafta: agricultura, defesa comercial, regras de origem, normas técnicas e fitossanitárias, solução de controvérsias e política de concorrência. Foi analisado também o Acordo de Cooperação Laboral da América do Norte ("side agreement" laboral). O estudo se limitou ao conteúdo do acordo, não chegando a avaliar os impactos do tratado sobre o comércio entre EUA e México. Uma das conclusões foi a de que, apesar do seu menor grau de desenvolvimento relativo, o México não recebeu nenhum tratamento especial em temas politicamente mais complexos para os EUA, como antidumping, origem e exportações agrícolas. (LUÍS NASSIF)(*Folha de São Paulo, 11.07.01*)

Negociações da Alca só avançam com concessão a "lobbies" nos EUA

A criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) depende de algum tipo de concessão aos "lobbies" da indústria siderúrgica americana, dos sindicatos e dos ambientalistas. A pressão desses grupos influencia o Congresso dos Estados Unidos na decisão de conceder a autorização para que o governo de George W. Bush negocie o acordo hemisférico. Essa é a análise do presidente da Seção Americana do Grupos Empresarial Brasil-Estados Unidos, Robert Petterson. De Miami, preside a divisão latino-americana da Caterpillar.

A solução, na interpretação de Petterson, é a assinatura de aditamentos ou acordos anexos ("side letters") ao ambicioso tratado de livre comércio que vai envolver 34 países das Américas. Dessa maneira, seria possível firmar compromissos sobre os polêmicos temas trabalhistas, ambientais e de proteção a alguns setores produtivos sem impor restrições comerciais. (*Valor Econômico, 16.07.01*)

OMC: Brasil e Europa unidos contra os EUA

A União Européia(UE) se uniu ao Brasil e a outros seis países para pedir à Organização Mundial do Comércio (OMC) uma comissão de arbitragem contra os Estados Unidos. O objetivo é questionar a chamada emenda Byrd, aprovada pelo Congresso americano no final do mandato do ex-presidente Bill Clinton. A emenda afirma o direito do governo dos Estados Unidos de ressarcir empresas americanas que sofrerem prejuízos por perderem mercado para produtos importados vendidos mediante dumping - abaixo do preço de custo. O governo americano aplica uma sobretaxa sobre os produtos estrangeiros favorecidos para igualar os preços aos do

mercado interno. Com a emenda Byrd, as empresas americanas ganham o direito de ficar com a receita dessa sobretaxa. (*Jornal do Brasil*, 13.07.01)

Chile terá de compensar Brasil por aumento em tarifa de importação

O Chile terá de oferecer compensações ao Brasil por ter elevado a tarifa de importação do açúcar de 32% para 98%. Hoje, o diretor de Relações Econômicas Internacionais do Chile, Ricardo Lagos, filho do presidente chileno, que tem o mesmo nome, reúne-se com o chefe da área econômica do Itamaraty, José Alfredo Graça Lima, para decidir as facilidades de comércio que serão oferecidas. A Organização Mundial do Comércio (OMC) autorizou o Chile a elevar a tarifa, para proteger a produção interna de açúcar. Mas as regras da instituição de Genebra prevêem que sejam negociadas compensações para os principais fornecedores do produto. Graça Lima explicou que o encontro de hoje será inicial, só para discutir como serão as concessões feitas pelo Chile. . (*O Estado de São Paulo*, 16.07.01)

Brasil vai à OMC contra a lei antidumping dos Estados Unidos

O Brasil recorre hoje à Organização Mundial do Comércio (OMC) contra a lei antidumping dos Estados Unidos. O País entregará a queixa pedindo a abertura de um painel (comitê de arbitragem) para que a lei americana seja investigada pelos juízes da OMC. O pedido será feito em conjunto com outros países, entre eles o Japão, Austrália, Chile, Índia, Tailândia e União Européia (UE). Nos últimos meses do governo Bill Clinton, o Congresso americano aprovou uma lei sobre os subsídios e dumping, proposta pelo senador Robert Byrd. A Emenda Byrd, como ficou conhecida, prevê que as taxas coletadas pela alfândega dos Estados Unidos como impostos de medidas antidumping sejam repassada para as próprias empresas que haviam denunciado o dumping. (*O Estado de São Paulo*, 12.07.01)

Empresas e setores

UE abre caminho para o café solúvel brasileiro

A visita do comissário da União Européia (UE) para o Comércio, Pascal Lamy, ao Brasil deverá trazer pelo menos um resultado concreto: o fim da discriminação ao café solúvel brasileiro, um conflito comercial que se arrasta há dez anos. O governo quer fechar o acordo que vai permitir o embarque anual de 13.500 toneladas do produto para o mercado europeu, livres de tarifa de importação. Lamy desembarcou ontem no Rio de Janeiro, para três dias de negociações. Na tarde de hoje, estará com o presidente Fernando Henrique Cardoso. "Temos esperanças de fechar com Lamy as negociações sobre o café solúvel", afirmou o embaixador José Alfredo Graça Lima, chefe da área econômica do Itamaraty. (*O Estado de São Paulo*, 10.07.01)

Montadora pode ter que sair do vizinho

Se a produção de carros na Argentina continuar em queda, metade das montadoras instaladas no país vizinho terão que abandonar o negócio e fechar as unidades locais nos próximos anos. E, para operarem no azul, as empresas precisariam vender 3% mais do que no ano passado, quando foram vendidos 340 mil unidades. A conclusão faz parte de um relatório da Booz Allen & Hamilton na Argentina, consultoria existente há 87 anos e com escritório em mais de 90 países. Pelos dados da UIA (União Industrial Argentina) -que reúne informações das associações de fabricantes de vários setores-, 85% das empresas de autopeças já fecharam as portas no país vizinho e parte delas transferiu a produção para o Brasil. Não há estimativa, porém, da quantidade de companhias que já está operando no país e quantas foram para outros países na América Latina, como o México, por exemplo. (*Folha de São Paulo*, 12.07.01)

 [regressar](#)

Notas e Correspondências

A dívida e(x)terna entra em pauta

(FREI BETTO Especial para o JB)Um movimento intitulado Jubileu Sul promove aqui em Gênova, entre 15 e 21 de julho, a Semana Mundial de Protesto contra a Dívida Externa. O lema é "Anular a dívida já!" Foi o que o papa João Paulo II pediu em seu sermão de domingo, um recado ao G-8 em prol dos países mais endividados. Inspirado no Jubileu 2000 da Igreja católica, quando pediu aos países credores o perdão da dívida das nações mais pobres do mundo, Jubileu Sul nasceu em dezembro do ano passado, em Dakar, Senegal, onde o tema foi debatido na conferência internacional denominada Consulta Sul-Norte, e recebeu reforços no Fórum Social Mundial, realizado em janeiro, em Porto Alegre. No espaço de debates batizado de Fórum Social Gênova, Jubileu Sul propõe aos diversos movimentos e ONGs aqui presentes uma discussão sobre a legitimidade da dívida do Terceiro Mundo. Há até um site para os interessados (<http://www.genoa-g8.org>) e um endereço eletrônico (info@genoa-g8.org) para quem quiser opinar. (*Jornal do Brasil*, 10.07.01)

Mudança do clima afeta mais pobres

Análise dos efeitos do aquecimento global revela que vão faltar alimentos para 2 bilhões no mundo subdesenvolvido

Os países em desenvolvimento que até agora pouco contribuíram para o aquecimento global vão ser os maiores prejudicados com a mudança climática. Em 40 deles (incluindo Índia, Bangladesh e Brasil), com população total de 2 bilhões de pessoas, a produção de alimentos até 2080 deve cair 25%. A análise, a primeira que utiliza metodologia padrão para dimensionar o impacto da mudança climática na produção de alimentos por regiões, foi divulgada pelo Instituto Internacional de Sistemas de Análise Aplicada (Iiasa, a sigla em inglês) na abertura da conferência da mudança do clima, promovida pela Open Science, em realização na Holanda. (*Jornal do Brasil*, 11.07.01)

Revistas eletrônicas

Revista Línea (julio 2001) : www.revistalineas.com.ar

Argentina llamada a dar el gran virage, escribe Abel Posse. Si los poderosos piden represión, están muy débiles. El pedido de represión de las protestas sociales por parte de los poderosos visto por Manuel Herrera, ex Secretario General de la UIA, Las joyas cordobesas. La provincia de Córdoba continúa con la desastrosa política neoliberal de privatizaciones que en el orden nacional llevó a cabo el menemismo. **Sindicales**, Al calor de los carozos, por Eduardo Mestre, secretario de Prensa de AAPM. (Asociación de Agentes de Propaganda Médica). Piqueteros y banqueros, una nota ajustada a la visión de los trabajadores. Por Néstor Cantariño, Secretario general de SAT (Sindicato Argentino de Televisión). Anteproyecto de reconversión de la industria molinera. Estudio del Sindicato Único Molinero Argentino. Entrevista al presidente de Brasil Fernando Henrique Cardoso. Economía, Mercosur, llamados de la Iglesia, piqueteros, en esta publicación digital. otros temas de la edición

Memória e Vida Social: www.memoriaevidasocial.hpg.com.br

Entrevista inédita com o cientista político alemão Oskar Negt, co-autor com Alexander Kluge do livro *O que há de político na política?* São Paulo: Editora UNESP, 1999.
Artigos sobre o jovem Lukács, crítica de cinema, resenhas, etc.

Revista Globalización: <http://www.rcci.net/globalizacion/>

Intervenção de Smir Amin no Fórum Social Mundial e muita coisa mais > muita coisa boa no arquivo dos números anteriores também

 [regressar](#)

